

Autonomia débil e sem sustento ruiu com o PAEF

FRANCISCO JOSÉ CARDOSO
fcardoso@dnoticias.pt

Mesmo acreditando que o melhor que aconteceu a Portugal foi ter uma 'troika' para obrigar o Estado a ser mais rigoroso nas contas públicas, mas também a Madeira, ainda a tempo de recuperar as finanças regionais, o economista Eduardo Jesus foi bastante crítico quanto ao facto de a Região ter perdido a sua Autonomia e o país a sua independência para que entrassem nos eixos.

Na sua intervenção na conferência OTOC/TSF, que decorreu ontem no Funchal, o presidente da delegação regional da Madeira da Ordem dos Economistas lamentou que o Estado exija rigor na informação financeira das empresas (algo com a qual concorda), mas o mesmo Estado tem lacunas profundas que só com intervenção externa foram resolvidas, embora entenda que a troika não tenha sido mais exigente com o Estado no apuramento da dívida pública.

No caso da Madeira, Eduardo Jesus frisou que em poucos anos perderam-se 3 mil empresas (de 23 mil para 20 mil), 17 mil postos de trabalho, o volume de negócios baixou 2 mil milhões de euros, o valor acrescentado bruto caiu 500 mil euros, a produtividade baixou 25 pontos percentuais, entre outros exemplos, para concluir que não é de estranhar que o PIB da Região tenha caído o do-



Eduardo Jesus foi um dos intervenientes da conferência OTOC/TSF sobre 'Iniciativa Privada'.

bro do nacional, -14% e -7%, respectivamente, entre 2009 e 2013.

Perante um cenário de perda da Autonomia, por força da assinatura, "em boa hora", do Programa de Assistência Económica e Financeira (PAEF), salientou que sempre houve um complexo nacional em relação às autonomias portuguesas, mas que o que acontece agora é apenas fruto destes pouco mais de dois anos de um autêntico "colete de forças".

"Habituar-nos com imenso

EDUARDO JESUS FOI DURO NAS CRÍTICAS À GOVERNAÇÃO NA REGIÃO AO RETIRAR PODER DE DECISÃO

dinheiro e no momento em que nos retiraram esse dinheiro perdemos espaço de decisão", frisou. E foi aí, quando a Madeira deixou de poder encontrar forma de decidir "a Autonomia ruiu", porque era "débil, sem sustento" e, por isso, "precisa de reflexão". Olhando para as pessoas, Eduardo Jesus salientou que perante a carga fiscal imposta por Lisboa e aceite pela Região, hoje, "o madeirense pode dizer que é o português a quem a vida custa mais

caro". Em termos de futuro, sentenciou, que o equilíbrio das contas públicas, ao contrário do passado, terá que estar presente na mente de quem governar, sem contar que será preciso renegociar a Autonomia que traga mais poder de decisão mas também maiores responsabilidades, concluindo que também a linguagem e as figuras envolvidas nesse processo, necessariamente, terão de ser outros.

PAPEL ACTIVO



■ O bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas (OTOC), Domingues de Azevedo, disse ontem no Funchal, que o papel dos especialistas da sua classe profissional deixou de ser de "meros preenchedores de papéis para a administração tributária" para passar a ser de "agentes activos" que aconselham os empresários e que, por isso, têm de "conhecer o negócio". A posição foi assumida na conferência promovida em conjunto com a TSF. Domingues de Azevedo defendeu ainda que a intervenção dos técnicos de contas tende a aumentar na administração pública, dada a exigência de maior organização nos serviços do Estado. No entender do responsável máximo da OTOC, mais do que uma redução de impostos, os cidadãos e as empresas precisam de um sector público eficiente, em que seja visível o retorno de um serviço de qualidade e que responda às necessidades, em áreas como a saúde, educação ou justiça.

Calado "chocado" com falta de formação na CMF

MIGUEL FERNANDES LUÍS
mfluis@dnoticias.pt

O economista e director financeiro do grupo AFA, Pedro Calado, defendeu ontem, na conferência da OTOC/TSF no Funchal, uma aposta na formação na área da contabilidade na administração pública, porque se "a primeira linha" de técnicos está bem preparada, a "segunda linha" de funcionários públicos ainda denota algumas carências, bem como os próprios decisores políticos.

"A mim choca-me pessoalmente ver numa autarquia grande como a nossa ter hoje pessoas com uma realidade e uma experiência académica que não tem nada a ver com aquilo que estão a exercer. Podem dizer que o lugar de político é apenas de decisão final, mas até o que decide

EX-VICE-PRESIDENTE DA CÂMARA FEZ DESABAFO NA CONFERÊNCIA DA OTOC/TSF

tem que saber o que está a decidir. Porque se não souber o que está a fazer, acontecem os erros e problemas", desabafou o antigo vice-presidente da Câmara do Funchal.

Pedro Calado confessou-se desiludido com o resultado, especialmente no capítulo económico, de 40 anos de democracia no país. Admitiu que apesar dos sacrifícios dos últimos anos, Portugal corre ainda o risco de bancarrota. Para o evitar, defendeu um consenso entre os principais partidos para um plano estratégico para um horizonte de 20 anos, que preveja reformas estratégicas no sentido da promoção do investimento e criação de emprego (desburocratização, redução da factura fiscal, maior eficácia dos tribunais, etc.) e da sustentabilidade das contas públicas.



Ex-vereador sublinha a importância da preparação académica.